

# O GRANDE DILÚVIO: DESTRUIÇÃO E PRESERVAÇÃO (GÊNESIS 6)

Gênesis traça a genealogia de Caim através de Lameque e seus filhos, no capítulo 4, e os nomes dos descendentes de Sete até Noé e seus três filhos (Sem, Cam e Jafé), no capítulo 5. O capítulo 6 dá continuidade ao relato narrando a perversão moral que começou a caracterizar as próximas gerações.

## OS FILHOS DE DEUS E AS FILHAS DOS HOMENS (6:1–4)

**<sup>1</sup>Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas, <sup>2</sup>vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram. <sup>3</sup>Então, disse o Senhor: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos. <sup>4</sup>Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade.**

**Versículos 1 e 2.** O capítulo começa relatando que, à medida que **se foram multiplicando os homens na terra, lhes nasceram filhas**. Quando essas filhas cresceram, **os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram formosas**. Então, **tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram**.

De quem o autor estava falando quando mencionou “os filhos de Deus”? Pelo menos três interpretações dessa expressão já foram defendidas. A primeira é que se refere a seres celestiais, angelicais (veja Jó 1:6; 2:1). Era nisso que acreditava o escritor judeu do Livro de Enoque, uma obra apócrifa do

início do segundo século a.C.<sup>1</sup> Diz-se que esses seres divinos desceram à terra na forma de homens e tiveram relações sexuais com “as filhas dos homens”, que deram, então, à luz gigantes extraordinariamente perversos (“nefilins”). Esta ideia continua sendo defendida por alguns até o presente<sup>2</sup>.

A refutação a esse ponto de vista baseia-se no que Jesus disse em Mateus 22:30: na ressurreição, os seres humanos serão como os anjos (seres divinos<sup>3</sup>), “não casam, nem se dão em casamento”. Pessoas (não anjos) “casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca” (Mateus 24:38). Segundo o relato de Lucas, Jesus acrescentou que os mortos ressurretos “não podem mais morrer, porque são iguais a anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição” (Lucas 20:35, 36). Considerando que os anjos são seres imortais e que “os filhos de Deus” que se casaram com “as filhas dos homens” (juntamente com seus descendentes) morreram no dilúvio, esses “filhos”

<sup>1</sup>O Livro de Enoque 1—6.

<sup>2</sup>Por exemplo, embora o texto hebraico diga literalmente “filhos de Deus”, a versão inglesa *New Jewish Publication Society* interpreta a frase como “seres divinos” (anjos). Comentando sobre essa tradução, Jon D. Levenson escreveu: “Esta breve narrativa soa como um resumo de um conhecido mito muito mais extenso. Ela registra mais uma violação da importantíssima fronteira entre o divino e o humano (vv. 1–2)”. (Jon D. Levenson, “Genesis” em *The Jewish Study Bible*, ed. Adele Berlin e Marc Zvi Brettler. Nova York: Oxford University Press, 2004, p. 21.)

<sup>3</sup>Geralmente, 2 Pedro 2:4 e 5 e Judas 6 são submetidos como provas de que “os filhos de Deus” eram seres divinos que pecaram, mas essas passagens não estão relacionadas ao pecado “dos filhos de Deus” em Gênesis 6:2. Elas mencionam o pecado e a queda de anjos, os quais foram lançados nas “trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia”; provavelmente se referem ao pecado e à queda de Satanás e seus anjos anteriormente à queda do homem em Gênesis 3.

não podem ser anjos.

O dilúvio foi um julgamento ou uma sentença divina ao mundo por causa do pecado. Isto se deu não pelo pecado de anjos, mas pela “maldade” de homens “valentes”, chamados de “varões de renome” em 6:4, 5. A ira de Deus no dilúvio não se dirigia a anjos nem a filhos semi-angélicos. Deus decidiu “fazer o homem desaparecer” da face da terra (6:7) porque o homem era culpado de atos terríveis. O texto de Gênesis e o ensino de Jesus eliminam qualquer possibilidade de relações conjugais entre seres divinos e humanos e da ideia de uma descendência mista ter sido a principal causa do dilúvio.

Uma segunda interpretação de “filhos de Deus” é que eles eram homens “valentes”, talvez “governantes”<sup>4</sup> que viram que “as filhas dos homens eram formosas” e passaram a levar para seus haréns “as que mais lhes agradaram”. Os eruditos rabinos preferiram esta interpretação à especulação do ponto de vista anterior. A ideia de que seres divinos puderam descer à terra e ter relações sexuais com mulheres era pagã demais para os rabinos antigos.

Os governantes, os juízes supremos do mundo antigo, são chamados “deuses” num sentido metafórico no Salmo 82. Eles tinham grande poder por comporem o tribunal superior de seus cidadãos. Foram até citados como “filhos do Altíssimo” (Salmos 82:6)<sup>5</sup>, mas com certeza não eram deuses nem seres divinos<sup>6</sup>. Nada no texto de Gênesis se refere aos “filhos de Deus” como governantes (deuses ou seres angélicos) que forçaram “as filhas dos homens” a se casarem ou fazerem parte de seus haréns. Ler Salmo 82 no contexto de Gênesis 6:2 é fazer uma interpretação demasiadamente criativa.

A terceira e mais provável interpretação de “filhos de Deus” é que eram descendentes de Sete, incluídos na genealogia exposta no capítulo 5. Esses homens provavelmente eram justos e tementes a Deus, pois vinham da linhagem de Enos, através do qual se começou a “invocar o nome do Senhor”

<sup>4</sup>“Targum of Onkelos” em *The Targums*, trad. J. W. Etheridge. Nova York: KTAV Publishing House, 1968, p. 46.

<sup>5</sup>Os reis davídicos foram descritos como filhos de Deus (2 Samuel 7:14; Salmos 2:6, 7, 12).

<sup>6</sup>Sendo homens que ocupavam posição de autoridade, foram acusados de julgar “injustamente” e demonstrar parcialidade “pela causa dos ímpios” (Salmos 82:2) e foram admoestados a “fazer justiça ao fraco e ao órfão” e a “proceder retamente para com o aflito e desamparado” (Salmos 82:3). Também foram advertidos de que, se não dessem ouvido a esse conselho, “como homens, morreriam” (Salmo 82:7).

(4:26). Também eram descendentes de Enoque, que foi para eles um exemplo de fidelidade por ter andado com Deus (5:24).

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, o povo de Deus é chamado de “os filhos de Deus”. Isto se aplica a Adão (Lucas 3:38), a Israel (Êxodo 4:22, 23; Isaías 1:2, 4; Jeremias 3:14, 22; Oseias 11:1) e aos cristãos (Gálatas 3:26; 4:5). Assim como Adão, “o filho de Deus” que pecou porque o fruto proibido parecia “bom” (“bonito” ou “desejável” [טוב, *tob*; 3:6]), muitos de seus descendentes sucumbiram a essa tentação. “Os filhos de Deus” descendentes de Sete pecaram gravemente porque foram atraídos pelas “filhas dos homens”. As “filhas” poderiam ser as descendentes de Caim. “Os filhos de Deus” as acharam “formosas” (*tob*, “boas” ou “desejáveis”) e tomaram quantas quiseram para serem suas mulheres.

O problema dessas mulheres não estava em serem belas, mas a beleza parece ter sido a única coisa que os atraiu. Faltava a elas profundidade espiritual; eram simplesmente “mulheres com uma mente mundana e materialista”, como as descritas em Isaías 3:16—4:1 e Amós 4:1—3<sup>7</sup>. Semelhantemente, esses “filhos de Deus” tornaram-se os exemplos mais antigos de homens que casaram por motivos errados. Não se preocuparam com a espiritualidade ou o caráter da esposa. Pelo contrário, por causa de seu orgulho egoísta, a prioridade em suas mentes foi a beleza exterior das mulheres e o prestígio, poder e reputação que esperavam ganhar tomando essas mulheres atraentes como esposas (veja 6:4). Tudo isso fez com que eles abandonassem o plano original de Deus de monogamia no casamento e fossem além do exemplo de Lameque que teve duas mulheres, tomando para si, evidentemente, múltiplas “mulheres”, conforme lhes agradassem.

**Versículo 3.** Este versículo também apresenta uma série de desafios, para os quais soluções variadas já foram apresentadas. Todavia, o escopo deste estudo permite apenas alguns comentários.

O versículo começa com Deus dizendo: **O Meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal.** Qual é o significado de “Meu Espírito”? O fato de “Espírito” (רוח, *ruach*) estar com inicial maiúscula em várias versões<sup>8</sup> sugere a presença pessoal de Deus. Como em 1:2, onde o “Espírito de

<sup>7</sup>John T. Willis, *Genesis*, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1979, p. 164.

<sup>8</sup>ACRF, ARIB, AS21, BJC, ERC, KJA (“o Espírito que lhe dei”), NVI.

Deus” se movia por sobre a superfície das águas. Uma vez que o hebraico nunca emprega iniciais maiúsculas, outras traduções vertem esta ocorrência de *ruach* para “espírito” (sem inicial maiúscula)<sup>9</sup>, significando o poder divino de dar vida. O sopro de vida é essencial a toda vida, seja de animais, seja de humanos. O termo *ruach* aparece novamente em 6:17 e 7:15, onde é traduzido por “fôlego de vida” (ERA) ou “espírito de vida” (ERC). As três passagens estão em contextos sobre acontecimentos concernentes ao dilúvio. Sendo assim, a remoção do “Espírito” provavelmente equivale a Deus retirar seu fôlego de vida ou “espírito”. A vida foi tirada de cada ser humano e de cada animal do mundo, exceto dos que entraram na arca.

O problema a seguir tem a ver com a tradução da palavra יָדֹן (*yadon*) por “agirá”. Este vocábulo ocorre apenas uma vez no Antigo Testamento e sua etimologia é incerta. A ERC e a NVI atribuem um significado semelhante: “contenderá com”. A ideia de “agir” ou “contender com” sugere que Deus estava em luta constante com o homem, ameaçando puni-lo ou tentando convencê-lo a renunciar ao pecado e voltar para o seu Criador. Foi assim com Caim e seus descendentes (4:1–24).

Embora esta interpretação de *yadon* seja possível, “permanecerá” (KJA) também é uma tradução alternativa desse termo hebraico<sup>10</sup>. Além disso, quando Deus mencionou “homem” (אָדָם, *adam*), Ele não estava se referindo a indivíduos de incontáveis gerações futuras. Ele estava falando sobre toda a humanidade (incluindo mulheres) que viviam naquele tempo.

A razão para o Espírito que Deus deu ao homem não permanecer nele “para sempre” é que ele “é carnal”. A palavra hebraica equivalente a “carnal”, בָּשָׂר (*basar*), possui vários significados e deve ser entendida segundo o contexto<sup>11</sup>. A versão inglesa New International Version traduz essa palavra por “mortal”, mas essa tradução faz pouco sentido. Como a mortalidade do homem poderia ser a razão para o espírito de Deus não mais permanecer no homem? Deus fez o homem mortal. Ele não se tornou mortal quando perdeu o acesso à árvore da vida. Pelo contrário, ele já era mortal e comer da ár-

vore da vida era necessário para sustentar a sua vida. Não foi a mortalidade que fez o homem morrer depois de ser expulso do Éden; foi o pecado. E assim seria com os seres humanos que viveram à sombra do dilúvio. Não foi a mortalidade que fez o espírito de vida de Deus retirar-se e trazer o dilúvio. Isso aconteceu porque os seres humanos são moral e espiritualmente fracos, “débeis” e “corruptíveis”<sup>12</sup> e inclinados a pecar. Este parece ser o significado de *basar* neste contexto.

O resto do versículo 3 afirma: **e os seus dias serão cento e vinte anos**. Alguns afirmam que Deus encurtou o tempo de vida do homem por causa de sua inclinação para o pecado e a maldade. Será que Deus determinou que, após o dilúvio, Ele limitaria o tempo de vida do homem para uns 120 anos, e não quase 900 anos, como está registrado a respeito dos pré-diluvianos, no capítulo 5? Este palpite é plausível no contexto imediato da destruição do mundo. Talvez Deus tenha decidido não mais tolerar pessoas vivendo por tanto tempo com pensamentos e atos completa e continuamente malignos (6:5).

Uma segunda ideia é que os 120 anos representam um período de graça antes do dilúvio, no qual Noé, “pregador de justiça” (2 Pedro 2:5), teria tempo para advertir a humanidade de que o julgamento divino estava próximo, visando ao arrependimento daquela geração (veja 1 Pedro 3:19, 20). Uma antiga obra judaica interpretou essa declaração como um tempo de provação: “Eu lhes darei um prazo: cento e vinte anos; caso possam ser convertidos”<sup>13</sup>.

Esta última ideia é mais sustentável porque se encaixa melhor no contexto mais amplo da longevidade dos indivíduos que viveram após o dilúvio. Alguns continuaram a viver mais de 120 anos. Noé, por exemplo, tinha 600 anos quando o dilúvio sobreveio à terra (7:6) e viveu até os 950 anos (9:29). Abraão viveu 175 anos (25:7), Isaque viveu até 180 anos (35:28) e Jacó, até 147 (47:28). José viveu 110 anos (50:26), Moises ainda era forte quando morreu aos 120 anos (Deuteronômio 34:7) e Josué viveu 110 anos (Josué 24:29). No grupo posterior, só Arão excedeu a idade de 120 (Números 33:39), morrendo aos 123. Obviamente, isto poderia sugerir que 120 anos veio a ser a longevidade máxima depois de Noé. Essa redução aconteceu gradualmente, ha-

<sup>9</sup>BJ.

<sup>10</sup>Francis Brown, S. R. Driver e Charles A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1962, p. 192.

<sup>11</sup>Neste caso, o termo hebraico *basar* é como sua contraparte grega σάρξ (*sarx*) no Novo Testamento.

<sup>12</sup>Brown, Driver e Briggs, p. 142.

<sup>13</sup>“Targum of Onkelos” em *The Targums*, p. 46.

vendo algumas exceções à regra<sup>14</sup>. Por outro lado, vários fatores apontam para esse período como o tempo que Deus deu ao homem para se arrepender antes que Ele mandasse o dilúvio ao mundo. Durante parte desse tempo, Deus chamou as pessoas ao arrependimento através da pregação de Noé. Além disso, esse tempo foi necessário para que a família de Noé construísse a arca, a qual tinha consideráveis dimensões (veja os comentários sobre 7:6, 7).

**Versículo 4.** Os gigantes que havia na terra representam outro problema de interpretação. A tradução do hebraico נפילים (*nepilim*) por “gigantes” se baseia na LXX, que traz γίγαντες (*gigantes*) aqui e também em Números 13:33, a outra única ocorrência de *nepilim*. Esta palavra hebraica é de origem questionável; mas provavelmente está relacionada ao verbo נפל (*nepal*), que significa “cair”. Nesse caso, significa literalmente “os caídos”<sup>15</sup> e não “gigantes”.

Por que hoje os nefilins geralmente são identificados como gigantes? Essa associação provavelmente decorre da descrição que os israelitas fizeram do povo de Canaã em Números 13:32, 33. É bem provável que estavam exagerando ao comentar que “todo o povo que viram eram homens de grande estatura”. Comparados a essa gente, os israelitas se vira “como gafanhotos”. Os dez espias, medrosos e descrentes, provavelmente exageraram na diferença de estatura entre eles e o povo de Canaã. Segundo Timothy R. Ashley, a autodescrição dos “espias” como gafanhotos (*ḥagābîm*) é uma figura de linguagem chamada meiose, que diminui uma coisa para aumentar o tamanho ou importância de outra”<sup>16</sup>.

Mesmo havendo exagero na descrição que os israelitas fizeram dos cananeus, isto não anula a ligação entre o termo “nefilim” e grande estatura. Números 13:33 associa “os filhos de Anaque” com “os nefilins”. A palavra hebraica אנאק (*anaq*) significava originalmente “pescoço” ou “colar” e “aos poucos Anaquim tornou-se o nome de uma tribo, tendo o possível significado de ‘aquele que tem o

pescoço comprido’ (= gigante)”<sup>17</sup>. Outras passagens indicam que os anaquins e os refains eram altos (Deuteronômio 1:28; 2:10, 11, 20, 21; 9:2). Na época da conquista, o rei Ogue foi o último rei de Basã; ele era lembrado por sua enorme cama de ferro (Deuteronômio 3:11)<sup>18</sup>. Os anaquins viveram nas cercanias de Hebrom, uns trinta quilômetros ao sul de Jerusalém. Foram conquistados por Calebe e pela tribo de Judá (Josué 14:13–15; 15:13, 14; Juízes 1:20). Posteriormente, no período de monarquia em Israel, Davi encontrou um gigante filisteu chamado Goliás (1 Samuel 17:4–7, 41). Alguns outros gigantes também são mencionados nos anos que se seguiram (2 Samuel 21:16, 18, 20, 22; 1 Crônicas 20:4, 6, 8).

Embora os nefilins em 6:4 tenham sido gigantes físicos, o texto deixa implícito um detalhe espiritual mais importante: eles tinham um problema gigantesco com o pecado. Fiéis ao significado de seu nome, eles agiram como “os caídos”, ou seja, degenerados cujas vidas foram consumidas pela prática do mal.

A menção dos nefilins provavelmente serve para indicar uma era de homens famosos. Ela aconteceu durante o tempo em que os filhos de Deus tomaram as filhas dos homens e geraram filhos (veja 6:2). Algumas versões<sup>19</sup> tentam fazer dos nefilins descendentes dessas uniões, mas isso é algo duvidoso. O texto apenas sugere que os nefilins foram contemporâneos dos “filhos de Deus” e das “filhas dos homens”.

O versículo diz que “naquele tempo havia gigantes [nefilins] na terra”, e também depois. A expressão “e também depois” tem sido entendida de duas maneiras. Poderia significar que os nefilins continuaram a existir por um longo tempo, talvez até Deus mandar o dilúvio. Outra possibilidade é que a expressão indique que os nefilins existiram não só antes do dilúvio, mas também depois dele (veja Números 13:33). Embora isto seja possível, não devemos concluir que os nefilins posteriores descendiam dos anteriores. Exceto pela família de Noé, todas as pessoas da terra morreram no dilúvio.

<sup>14</sup>Gordon J. Wenham, *Genesis 1—15*, Word Biblical Commentary, vol. 1. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 142.

<sup>15</sup>Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 1—17*, The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990, pp. 269–70.

<sup>16</sup>Timothy R. Ashley, *The Book of Numbers*, The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1993, p. 243.

<sup>17</sup>Gerald L. Mattingly, “Anak” em *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman. New York: Doubleday, 1992, vol. 1, p. 222.

<sup>18</sup>Em vez de cama de ferro, algumas versões inglesas dizem que o objeto era um sarcófago de basalto (*New English Bible, Revised English Bible*).

<sup>19</sup>Essas versões, na maioria inglesas, interpretam os nefilins (gigantes) como descendentes de anjos (“os filhos de Deus”) e mulheres (“as filhas dos homens”).

O versículo 4 conclui dizendo: **estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade**. A quem o pronome “estes” se refere? São três as possibilidades: “os filhos”, “os filhos de Deus” e “os gigantes”. É muito provável que a descrição remonte aos gigantes citados no começo do versículo. O termo “valentes” (גִּבּוֹרִים, *gibborim*) é tipicamente usado para guerreiros, como os “valentes” de Davi (2 Samuel 10:7; 16:6; 20:7; 23:8–39). Os “valentes” do versículo 4 eram muito diferentes dos guerreiros que lutaram por Davi e seu reino, pois os mencionados aqui pareciam ser um bando totalmente indisciplinado que fazia da matança uma arte. Eram “varões de renome”, literalmente, “homens do nome” (אֲנָשֵׁי הַשֵּׁם, *’aneshey hashshem*). Eram homens fortes que possuíam uma reputação notória de serem destruidores.

### A MALDADE DO HOMEM E O JULGAMENTO DE DEUS (6:5–7)

<sup>5</sup>Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; <sup>6</sup>então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. <sup>7</sup>Disse o SENHOR: Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito.

Esta seção é importante teologicamente. Ela nos ajuda a discernir 1) o que se passava no coração dos homens antes do dilúvio, 2) qual foi a atitude de Deus em resposta à maldade do homem e 3) por que razão Deus decretou a destruição.

**Versículo 5.** Expressões como **viu o Senhor** são usadas em vários trechos para revelar o interesse e a intervenção de Deus em questões relativas ao homem (veja 29:31; Êxodo 2:25; 3:4; 4:31). Essas palavras destoam da declaração do Senhor em 1:31: “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom”. Entretanto, o contraste não poderia ser maior; em vez de olhar com aprovação, Ele agora via que **a maldade do homem se havia multiplicado na terra**.

Esse comportamento não foi uma súbita aberração da parte do homem; foi uma prática crescente, como evidencia a próxima frase do autor: **era continuamente mau todo desígnio do seu coração**. Não foi um pecado acidental ou momentâneo da parte do homem; foi planejado, deliberado e habitual. A cada hora do seu caminhar, o homem maquinava o

mal em seu coração, a ponto disso consumir a ele e a quem o cercava.

O autor vinculou a causa do dilúvio ao registro da queda do homem em Gênesis 3. No jardim do Éden, Adão e Eva desejaram adquirir o conhecimento do “bem e do mal” (3:5, 22). O novo conhecimento que receberam não se revelou uma bênção, e sim uma tragédia para ambos e para seus descendentes. A inclinação do homem para inventar novos meios de praticar o mal quase sobrepujou seu desejo de fazer o bem.

**Versículo 6.** A seguir vemos a resposta divina para a maldade desenfreada foi: **então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra**. Este versículo incomoda alguns por dizer que Deus “Se arrependeu de ter feito o homem na terra”. A Bíblia, obviamente, diz em outras passagens que é impossível Deus pecar ou mentir; por isso Deus jamais precisaria Se arrepender. Lemos em Números 23:19: “Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa” (veja 1 Samuel 15:29). O verbo hebraico que aparece em 6:6 é derivado de נָחַם (*nacham*). Tipicamente, quando usado para Deus, o significado é diferente de “arrepender-se”, pois Deus nunca comete pecado. E é verdade que a maldade do homem “cortou o coração” de Deus (NVI), o que indica que Deus de fato “sofreu” ou “sentiu desgosto” pelo que aconteceu<sup>20</sup>.

Deus, de fato, muda Sua atitude e Seus planos para o homem, dependendo da resposta do homem à Sua vontade. Isto não significa que Deus é caprichoso; mostra que Sua soberania está correlacionada com a responsabilidade humana (veja Êxodo 32:12–14; 1 Samuel 15:11, 22–29; Jeremias 18:6–10; Jonas 3:4–10). No começo, o desejo de Deus era abençoar a humanidade, e foi isso que Ele fez (1:27, 28). Tudo que Ele fez era “bom” (1:4, 12, 18, 21, 25) – de fato, “muito bom” (1:31). Quando Adão e Eva deram ouvido à serpente e pecaram, maldições e castigos foram ativados (2:17; 3:14–19, 22–24) concomitantemente com as bênçãos de Deus.

Após um período, a humanidade tornou-se tão perversa que seus pensamentos e feitos eram continuamente maus e isso **Lhe pesou no coração**, ou seja, causou grande angústia emocional ao Senhor.

<sup>20</sup>H. J. Stoebe, “נָחַם” em *Theological Lexicon of the Old Testament*, trad. Mark E. Biddle, ed. Ernst Jenni e Claus Westermann (Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1997, vol. 2, p. 738).

Por essa razão, Deus mudou de ideia e decidiu mandar sobre o mundo pré-diluviano a derradeira maldição física: a morte. O verbo traduzido por “pesou” é **עָצַב** (*‘atsab*) e ele funciona como sinônimo de *nacham* na primeira parte do versículo 6. Pode denotar “dor física e também tristeza emocional”<sup>21</sup>; sendo que o segundo significado, referente à tristeza de Deus, é evidente aqui<sup>22</sup>.

A resposta divina de remorso pela humanidade não foi porque a criação foi um erro divino. A origem dessa reação estava na perversão e no pecado do homem, que deformava a imagem de Deus dentro dele. A criação do homem não foi um erro; foi usando erroneamente seu livre arbítrio que o homem se tornou um selvagem violento, Deus, sendo um Deus pessoal, sente dor quando Seus amados O traem, desonram a si mesmos e abusam de seus semelhantes (veja Oseias 11:1–8). Foi isso que causou dor e pesar indescritíveis no coração de Deus.

**Versículo 7.** A esta altura, anuncie o Senhor a Sua decisão: **Farei desaparecer da face da terra o homem que criei... porque me arrependo de os haver feito.** O termo traduzido por “farei desaparecer” (**מָחָה**, *machah*) na verdade significa “riscar”<sup>23</sup>, como se riscam ou raspam as letras pintadas num pergaminho antigo. É a mesma palavra empregada por Moisés quando intercedeu pelos israelitas depois de adorarem o bezerro de ouro. Ele suplicou que Deus esquecesse os pecados do povo e acrescentou: “ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste” (Êxodo 32:32). Quando Deus lançou Sua sentença contra Judá e a cidade de Jerusalém por causa da perversidade do povo, Ele disse que “eliminará Jerusalém, como quem elimina a sujeira de um prato, elimina-a e o emborca” (2 Reis 21:13).

A tristeza de Deus pelo pecado do homem é também expressa na declaração de que Sua destruição atingiria **o animal, os répteis e as aves dos céus**. A ordem natural criada por Deus tornara-se tão distorcida e distante da intenção original de Deus que não havia conserto. Quando o primeiro homem e a primeira mulher pecaram, toda a humanidade sofreu as maldições e a consequência máxima do pecado: a morte. E o mesmo acontecia aqui:

<sup>21</sup>Ronald B. Allen, “עָצַב” em *DITAT*, p. 1153.

<sup>22</sup>Uma forma nominal da mesma palavra hebraica (**עֲצָבוֹן**, *‘itstaban*) é aplicada em 3:16, 17 ao tormento doloroso que Adão e Eva e seus descendentes (5:29) experimentarão em consequência de seu pecado.

<sup>23</sup>Num sentido positivo, *machah* também é usado para o ato de Deus tirar ou esquecer o pecado (Salmos 51:1, 9; Isaías 43:25; 44:22). (Walter C. Kaiser, “מָחָה” em *DITAT*, p. 805.)

a terra tornara-se tão corrompida pela maldade do homem que os mamíferos, os répteis e as aves experimentarão o dilúvio cujo objetivo era purificar o mundo da poluição do pecado do homem.

Após a desalentadora descrição da raça humana em 6:5–7, um raio de esperança é lançado. A avaliação de que “era continuamente mau todo desígnio do seu coração” (6:5) não se aplicava a todos os seres humanos da terra; Noé era uma exceção.

## O JUSTO NOÉ EM CONTRASTE COM UM MUNDO CORRUPTO (6:8–12)

<sup>8</sup>Porém Noé achou graça diante do Senhor.

<sup>9</sup>Eis a história de Noé. Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus. <sup>10</sup>Gerou três filhos: Sem, Cam e Jafé.

<sup>11</sup>A terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência. <sup>12</sup>Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra.

**Versículo 8.** Este versículo começa com a conjunção **porém**, que indica que Deus viu em Noé uma qualidade de caráter diferente do que viu no mundo perverso. Noé **achou graça diante do Senhor**. A NTLH diz que o “Senhor aprovava o que Noé fazia” evidentemente porque ele era “justo” e “íntegro” (6:9). Embora essa tradução pareça implicar que Noé merecia a graça de Deus por causa de sua justiça, esse entendimento é errado. Deus nunca tem a obrigação de conceder graça ou favor ao homem por causa da justiça do homem. Nenhuma pessoa é completamente justa, íntegra ou sem pecados (Salmos 14:1–3; 130:3; Provérbios 20:9; Romanos 3:23). A salvação sempre se baseia na graça de Deus (Romanos 4:1–5; Efésios 2:8–10). O termo vertido para “graça” é **חֵן** (*chen*) e significa “dado gratuitamente”<sup>24</sup>, podendo também ser traduzido por “favor”. Em outras palavras, esse “favor” jamais pode ser adquirido pelo mérito de quem o recebe. O texto diz que “Noé achou graça [ou favor] diante do Senhor”. Essa graça é algo que Noé recebeu como uma dádiva, não algo conquistado ou ganho por seus próprios esforços. Todavia, por causa da sua fé, ele estava numa posição favorável

<sup>24</sup>D. N. Freedman e J. R. Lundbom, “חֵן” em *Theological Dictionary of the Old Testament*, trad. David E. Green, ed. G. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986, vol. 5, p. 25.

para receber a graça de Deus.

**Versículo 9.** Esta seção inicia um tratamento extensivo para o relato de Noé, compondo um lugar de destaque na primeira parte do livro: Gênesis 1—11. O termo hebraico תולדות (*toledoth*), como já visto em 2:4, significa “gerações”, “relato”, “registro” ou “história de”. A ERA optou pela versão **história de** neste trecho, 6:9—11:32, que traça a genealogia e também o registro histórico dos descendentes de **Noé** até os dias de Abraão.

Neste contexto, Noé destoa da maldade de seus contemporâneos por ser um **homem justo**. Segundo o profeta Amós, dizer que Noé era justo significa que ele tratava as pessoas com justiça. O profeta usou esses termos como sinônimos em Amós 5:24: “Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene”. Isto foi afirmado como uma acusação contra os que estavam maltratando, oprimindo e tirando vantagem dos pobres (Amós 5:11, 12). Miqueias disse que o que o Senhor deseja de indivíduos é “praticar a justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com Deus” (Miqueias 6:8). Esta é outra maneira de dizer que justiça requer atitudes e atos apropriados para com Deus e o homem e isto foi retratado na vida de Noé. Certamente, Noé manifestou “justiça” e um andar humilde com Deus. A memória da retidão de Noé perante Deus foi mais tarde exaltada em Ezequiel 14:14 e 20, e o Novo Testamento o chama de “pregador da justiça” (2 Pedro 2:5).

Noé também é chamado de **íntegro entre os seus contemporâneos**, sendo um homem que **andava com Deus**. A referência a ele como “íntegro” não sugere que ele não tinha pecado algum. O hebraico תמים (*thamim*) não significa viver sem pecado ou ser moralmente perfeito; significa ser “completo” ou “inteiro” “em sua dedicação à pessoa e às exigências de Deus”<sup>25</sup>. Esta ideia de decisão interior de entregar-se inteiramente a Deus é reforçada pela afirmação de que Noé era um homem de elevada retidão moral e integridade. Ele era fiel a Deus e reto em seus relacionamentos interpessoais. Ele andava com Deus refletindo o tipo de atitude e estilo de vida que trazia glória ao seu Criador, em contraste com a perversidade que se alastrara pela terra.

**Versículo 10.** Este versículo afirma que Noé **gerou três filhos: Sem, Cam e Jafé** (veja 5:32). A razão por que estes nomes foram incluídos aqui é incerta. Já foram sugeridas várias explicações possíveis.

1) Talvez o autor, antes de descrever a maldade da humanidade, quis identificar os três filhos como pessoas diferentes do resto da humanidade. Assim, o leitor entenderia por que eles também foram poupados do dilúvio. 2) O autor talvez quisesse vincular Noé a Adão e Tera, os quais tiveram três filhos e viveram momentos de reviravolta importantes na história. 3) A referência a Sem, Cam e Jafé serve para delinear a narrativa do dilúvio: esses filhos de Noé (6:10), que entraram na arca (7:13), escaparam do dilúvio (9:18). Evidentemente, eram homens tementes a Deus, porém Noé é quem se destaca na história.

**Versículos 11 e 12.** O texto afirma que **a terra estava corrompida à vista de Deus**. A “terra” é mencionada seis vezes em 6:11–13. O verbo hebraico שחַת (*shachat*) é traduzido por “corromper” três vezes e “destruir” uma vez nestes mesmos versículos. *Shachat* tem uma série de significados em contextos diferentes, como “estragar”, “apodrecer” ou “decair” (veja Jeremias 13:7; 18:4). Todas as versões modernas apresentam a decisão divina de “destruir” (NVI) ou “fazer perecer” (*shachat*) a humanidade “juntamente com a terra” em 6:13 porque as pessoas haviam se “enchido” de “violência”. A mesma palavra, *shachat*, é usada para descrever a condição da terra – o que **todo ser vivente** estava fazendo – e como Deus planejou trazer juízo sobre a Sua criação. Essa repetição indica que o plano de Deus era destruir o que o homem já tinha “praticamente destruído” ou estava em vias de “destruir”<sup>26</sup>.

A ironia da frase **a terra estava cheia de violência** não deve ser ignorada. A intenção original de Deus era que os animais e o homem “se multiplicassem e enchessem a terra” (1:22, 28). Em vez ser uma bênção para o mundo através da procriação, a humanidade encheu a terra de “violência” e destruição em massa a ponto de deixá-la “corrompida” (*shachat*), transformando toda vida numa maldição para os habitantes da terra suportarem.

O termo “violência” (חַמָּס, *chamas*) no versículo 11 é geralmente usado para destruição feroz, derramamento de sangue (assassinato), estupro, opressão e outros tipos de crimes morais que poluem a terra e sujeitam os pecadores ao veredito divino de pena de morte (6:11, 13; 49:5; Juízes 9:24; veja Levítico 18:29; 20:11–18; Jeremias 13:22). Tal estilo de vida menospreza a justiça e a retidão que Noé praticava e que Deus sempre deseja para o Seu povo

<sup>25</sup>J. Barton Payne, “תמים” em *DITAT*, p. 1648.

<sup>26</sup>Hamilton, p. 278.

(Jeremias 22:3; Ezequiel 45:9)<sup>27</sup>. Em Salmos 11:5, o escritor descreveu *chamas* como algo maligno e contrário à natureza divina e ao estilo de vida idealizado por Deus para o homem. O Senhor odeia esse estilo de vida e executa vingança contra quem o pratica (Ezequiel 7:23, 24; 8:17, 18; 12:19, 20; 28:16; Sofonias 1:9)<sup>28</sup>.

### DEUS ANUNCIA O DILÚVIO E DÁ INSTRUÇÕES SOBRE A ARCA (6:13–22)

<sup>13</sup>Então, disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra. <sup>14</sup>Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos e a calafetarás com betume por dentro e por fora. <sup>15</sup>Deste modo a farás: de trezentos côvados será o comprimento; de cinqüenta, a largura; e a altura, de trinta. <sup>16</sup>Farás ao seu redor uma abertura de um côvado de altura; a porta da arca colocarás lateralmente; farás pavimentos na arca: um em baixo, um segundo e um terceiro. <sup>17</sup>Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra perecerá. <sup>18</sup>Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos. <sup>19</sup>De tudo o que vive, de toda carne, dois de cada espécie, macho e fêmea, farás entrar na arca, para os conservares vivos contigo. <sup>20</sup>Das aves segundo as suas espécies, do gado segundo as suas espécies, de todo réptil da terra segundo as suas espécies, dois de cada espécie virão a ti, para os conservares em vida. <sup>21</sup>Leva contigo de tudo o que se come, ajunta-o contigo; ser-te-á para alimento, a ti e a eles. <sup>22</sup>Assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara.

O primeiro dos quatro discursos proferidos por Deus a Noé na narrativa do dilúvio está contido em 6:13–21<sup>29</sup>.

**Versículo 13.** Deus dirigiu-se a Noé resumindo a situação de **violência na terra** como a razão moral

<sup>27</sup>R. Laird Harris, “תָּבַח” em *DITAT*, p. 485.

<sup>28</sup>H. Haag, “תָּבַח” em *Theological Dictionary of the Old Testament*, trad. David E. Green, ed. G. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1980, vol. 4, pp. 478–87.

<sup>29</sup>As demais ocorrências encontram-se em 7:1–4; 8:15–17; 9:1–17.

pela qual Ele decidiu **fazer perecer** os seres humanos perversos e **toda carne** sobre a terra. O julgamento de Deus estava iminente por causa dos atos destrutivos do homem. Assim como a natureza e o reino animal foram afetados pela queda no princípio (3:17–19; veja Romanos 8:20, 21), agora eles teriam que sofrer por causa do pecado do homem.

O relato bíblico do dilúvio se apresenta em evidente contraste com as histórias de dilúvio deturpadas que sobreviveram desde a Mesopotâmia antiga. Em um desses mitos, Atrahasis foi advertido pelo deus Enki de que em breve sobreviria um dilúvio à terra. O dilúvio seria mandado porque os homens estavam fazendo tanto barulho que os deuses não conseguiam dormir<sup>30</sup> – e não como castigo pelo pecado.

**Versículo 14.** Após anunciar Seu julgamento, Deus executou um plano para resgatar um grupo seleto de pessoas dessa iminente devastação. Noé foi instruído a construir um tipo especial de embarcação, onde esses indivíduos deveriam entrar para serem salvos das águas do dilúvio que sobreviria à terra. O termo hebraico תְּבַח (*thebah*)<sup>31</sup> é tradicionalmente traduzido por **arca**. Esta palavra é usada vinte e seis vezes em Genesis 6–9 para descrever o enorme barco em que Noé e sua família, bem como os animais, viveram por mais de um ano, enquanto as águas destruidoras devastavam a terra. Outro uso desse vocábulo aparece em Êxodo 2:3, 5, descrevendo o pequeno cesto em que Moisés foi colocado por sua mãe. Flutuando pela corredeira do rio Nilo, Moisés escapou do decreto de morte do Faraó contra todos os meninos hebreus recém-nascidos<sup>32</sup>.

A arca que Noé construiu deveria ser feita de **tábuas de cipreste** (גֹּפֶרֶת, *gopher*), termo que só ocorre aqui no Antigo Testamento e é transliterado na ACRF e ARIB por “madeira de gofer”, podendo estar relacionado à palavra grega κυπάρισσος (*kyparissos*), que significa “cipreste”, oriundo da ilha de Chipre. Essa madeira resinosa é resistente à água, por isso era usada em edificações, embarcações, caixões, mobília, instrumentos musicais e outros

<sup>30</sup>Jack P. Lewis, “Flood” em *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 2, pp. 798–99.

<sup>31</sup>A origem do hebraico *thebah* é incerta. Pode ter derivado de uma palavra egípcia que significa “cesto”, “caixa” ou “esquife” (Bruce K. Waltke, “Ark of Noah” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979, vol. 1, p. 291).

<sup>32</sup>Ronald F. Youngblood, “תְּבַח” em *DITAT*, p. 1629.



itens no Oriente Próximo antigo<sup>33</sup>. Seria uma madeira muito durável para a construção da arca.

A arca deveria ser dividida em **compartimentos** (קנינים, *qinnim*). Em todas as demais ocorrências dessa palavra no Antigo Testamento, ela se refere a “ninhos” de aves, os lares que elas estabeleciam para seus filhotes. Sendo assim, *qinnim* poderia ser entendido como cômodos ou compartimentos para a família de Noé e para os animais, mas pode carregar o sentido mais literal de “ninhos” para as aves que seriam colocadas dentro da arca. A arca propriamente deveria ser selada e calafetada ou impermeabilizada com **betume** (כֹּפֶר, *koper*, ou “piche”). É evidente o trocadilho neste versículo entre *gofer* e *koper*. O primeiro vocábulo se referia ao tipo de madeira a ser usado, e o segundo identificava a substância usada para selar o barco.

**Versículo 15.** A arca deveria ser construída com as seguintes dimensões: **de trezentos côvados será o comprimento; de cinquenta, a largura; e a altura, de trinta.** O côvado (אמה, *ammah*) não tinha uma medida padrão no mundo antigo; seu comprimento era determinado pela distância do cotovelo até a ponta do dedo médio, que variava segundo indivíduos, especialmente épocas e lugares. Geralmente, um côvado equivalia a uns quarenta e cinco centímetros. Nesse caso, a arca tinha aproximadamente cento e trinta e cinco metros de comprimento, vinte e dois metros e meio de largura e treze metros e meio de altura. Tudo indica que o barco deveria ser retangular, com o fundo plano e quadrado em cada extremidade, uma espécie de barca projetada simplesmente para ser levada pela corrente e resistir às águas do dilúvio. Embora uma embarcação dessas dimensões pareça extremamente grande para o mundo pré-diluviano, seu volume deveria ser cinco vezes menos que o barco irrealista descrito no poema *O Épico de Gilgamesh*, dos antigos babilônios<sup>34</sup>. Os peritos em construção naval concordam que a arca de Noé era perfeitamente navegável, ao passo que o barco babilônico (no formato de um cubo e medindo cerca de 55 metros em cada direção<sup>35</sup>) provavelmente não teria resistido ao dilúvio.

**Versículo 16.** A primeira parte deste versículo é de difícil compreensão porque o termo equivalente a

**abertura**, צֹהַר (*tsohar*), ocorre somente aqui na Bíblia Hebraica. A palavra é traduzida por “teto” (NVI), “janela” (ACRF; ERC; ERIB), e “uma abertura para a luz do sol entrar” (BJC). A última opção associa outras duas possibilidades: “luz” e “janela” numa única interpretação. Todavia, se *tsohar* significa “janela”, por que não foi usada aqui a palavra hebraica comum para isso, חַלּוֹן (*challon*), como em 8:6, que cita claramente uma janela que Noé abriu? Uma objeção semelhante poderia ser feita relativa à tradução de *tsohar* como “teto”. Por que o escritor bíblico evitaria a palavra comum para “teto” (גַּג, *gag*) e inseriria um termo obscuro, de entendimento incerto?

Possivelmente, o termo *tsohar* era conhecido pelos contemporâneos do autor de Gênesis. Sua ausência no resto das Escrituras pode significar simplesmente que ele foi substituído, assim que o vocábulo *gag* tornou-se mais popular na língua hebraica. Não há uma explicação precisa deste texto; mas se a tradução correta de *tsohar* for “uma abertura”, este era um espaço de **um côvado** de altura que se estendia **ao redor** da arca, sendo interrompido apenas pelas vigas que sustentavam o teto. Se a tradução de *tsohar* for “teto”, a cobertura da arca pode ter sido construída com uma projeção para proteção contra a chuva, havendo um vão de um “côvado” (para a luz entrar) entre o teto e o alto das paredes da arca<sup>36</sup>.

O texto também menciona **uma porta** que deveria ser colocada **lateralmente**, a qual foi importante para a entrada na embarcação antes do dilúvio (7:13–16) e para a saída após a terra secar suficientemente para todos os ocupantes saírem daquele refúgio (8:13–19). O texto hebraico não menciona explicitamente três **pavimentos** na arca, mas o autor expressa de outra maneira que deveria haver três “pavimentos”. Uma tradução literal seria algo como “os pavimentos inferiores”, “os segundos” e “os terceiros”. Essa descrição é muito diferente do equivalente babilônico de Noé (Utnapishtim), cujo barco, continha “sete pavimentos e nove compartimentos em cada andar”<sup>37</sup>.

**Versículo 17.** A proclamação do dilúvio iminente é precedida pela conjunção explicativa **porque**. O Senhor planejou **derramar águas em dilúvio sobre a terra**. A palavra hebraica para “dilúvio” (מַבּוּל, *mabbul*) só é usada em Gênesis 6–9, com respeito ao dilúvio nos dias de Noé, e em Salmos 29:10

<sup>33</sup>Irene Jacob e Walter Jacob, “Flora” em *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 2, p. 805.

<sup>34</sup>Kenneth A. Matthews, *Genesis 1—11:26*, The New American Commentary, vol. 1A. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996, p. 364.

<sup>35</sup>O *Épico de Gilgamesh* 11.30, 57–58.

<sup>36</sup>Matthews, p. 365.

<sup>37</sup>Hamilton, p. 282.

“O Senhor preside aos dilúvios; como rei...”), indicando o poder absoluto de Deus sobre a natureza e toda a criação. O Deus que criou o mundo e todo ser vivente tinha o direito soberano de **consumir toda carne em que há fôlego de vida** porque o ser humano “havia corrompido o seu caminho na terra” (6:12). Anteriormente neste capítulo, “toda carne” (6:12, 13) significava “todos os seres humanos”, mas aqui inclui cada ser humano e cada animal (veja 7:21; 9:11, 15–17) que continha o “fôlego de vida” (רוּחַ חַיִּים, *ruach chayyim*). **Debaixo dos céus** pode ser uma alternativa poética para a expressão “sobre a terra”, enfatizando que **tudo... na terra** [logo] **pereceria**.

O dilúvio seria o inverso da criação. Deus agora atuaria como inimigo da terra e de todas as criaturas viventes sobre ela. Obviamente, esse não seria o fim da terra, pois Deus a destruiu a fim de renová-la com um novo começo.

**Versículo 18.** Apesar do que Deus planejou fazer com “toda carne”, Ele **estabeleceria a** [Sua] **aliança** com Noé. Esta é a primeira referência ao livramento de Noé, sua **mulher**, seus **filhos** e **as mulheres de seus filhos**. Todos eles deveriam **entrar na arca**, onde suas vidas seriam poupadas da torrente de água que logo cairia sobre a terra (veja 7:7). Esta declaração provavelmente deve ser interpretada como uma antecipação da real inauguração da aliança que ocorreu após o dilúvio (9:1–17).

**Versículos 19 e 20.** Além de Deus desejar que a raça humana sobrevivesse através de Noé e sua família, Ele também se preocupou em incluir o reino animal. **Tudo o que vive, toda carne** deveria ser preservada. O Senhor instruiu Noé a **fazer entrar na arca dois de cada espécie**, incluindo **aves, gado e todo réptil da terra**. Todas essas criaturas **iriam** até Noé na arca a fim de sobreviverem. Noé não teve que caçar ou apanhar em armadilha todas essas criaturas. Deus providenciou algum tipo de estímulo ou instinto que fez as formas mais inferiores de vida deixarem seus *habitats* e entrarem na arca em busca de segurança. Deus quis salvar representantes de todas as espécies de criaturas, homens e animais, os quais Ele declarou que eram “muito bons” no princípio da criação (1:31).

A referência a **macho e fêmea** indica que o plano divino de procriação que Ele idealizou tanto para os animais como para os seres humanos (1:22, 27, 28) deveria continuar, a despeito da maldade do homem. “Toda carne” que representava a esperança futura do mundo subiria na arca e ali ficaria por

mais de um ano em antecipação à nova criação que Deus proveria após o dilúvio. As exceções, evidentemente, eram as criaturas que viviam na água e que não precisavam da arca para estarem a salvo.

**Versículo 21.** Noé foi instruído por Deus a levar consigo **tudo o que se come** para dentro da arca. Essa comida sustentaria sua família e as demais criaturas durante o dilúvio. Não sabemos se Noé e sua família, ou se os animais carnívoros, comeram alguma carne enquanto estavam na arca. Alguns conjecturam que uma das razões para haver sete pares de animais puros na arca (7:2), enquanto havia apenas dois pares de animais impuros, é que alguns dos animais puros seriam comidos pela família de Noé e pelos animais carnívoros enquanto aguardassem as águas do dilúvio baixarem. Também inferem alguns que, quando Deus vestiu Adão e Eva com peles (3:21) após terem pecado, o primeiro casal provavelmente comeu a carne dos animais sacrificados em vez de deixá-la apodrecer no solo. Considerando que Abel ofereceu as primícias do seu rebanho um tempo depois que seus pais foram expulsos do jardim do Éden (4:2–4), é provável que os homens até comiam porções dos primeiros animais sacrificados. Posteriormente, debaixo da lei de Moisés, esta foi a prática adotada, exceto na oferta pelo pecado (uma porção do que ia para o sacerdote, mas nenhuma para o adorador) e nas ofertas queimadas, dedicadas ao Senhor e completamente queimadas no altar. Embora todas essas sugestões sejam possibilidades, elas não passam de meras conjecturas porque não temos um conhecimento definido desses detalhes além do que o texto bíblico revela. Nada nos relatos, de fato, nos autoriza a acrescentar carne à dieta alimentar deles antes do dilúvio (9:2, 3).

**Versículo 22.** Utilizando o recurso da repetição, o autor reforçou a obediência de Noé. Ele afirmou: **Assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara** (veja 7:5). O escritor de Hebreus também enfatizou a submissão abnegada de Noé a Deus: “Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa...” (Hebreus 11:7). O registro bíblico revela a incumbência que Deus deu a Noé, porém nada diz a respeito do tremendo esforço, tempo e custo certamente envolvido na derrubada de árvores suficientes, no transporte delas até o local da construção, no corte de enormes pranchas de madeira e depois na fixação delas para

a construção da arca. O relato se cala no que diz respeito a como Noé e sua família coordenaram a força física e os recursos financeiros para realizar tamanha façanha. Como eles adquiriram as enormes quantidades de betume (piche) para calafetar todas as fendas da embarcação? Como juntaram o assombroso suprimento de comida necessário para tantos animais e pessoas por um período de um ano sobre as águas?<sup>38</sup> A tarefa era incrível, e deve ter levado muitos anos para Noé e seus familiares completarem esse trabalho. Em meio a todo o labor e trabalho árduo necessário para se preparar a arca e seus suprimentos, Noé teve compaixão das pessoas à sua volta. Pedro referiu-se a ele como

<sup>38</sup>Segundo 7:11 e 8:14, os ocupantes da arca ficaram no barco por um ano e dez dias.

“pregador da justiça” (2 Pedro 2:5). Enquanto trabalhava, Noé evidentemente rogou aos que por ali passavam que se arrependessem de sua maldade e voltassem para Deus, para não perecerem no catastrófico dilúvio que sobreviria à terra. Visto que o mundo nunca tinha visto um dilúvio como o que Noé descreveu, as pessoas obviamente riram dele e o ridicularizaram, permanecendo desobedientes até que “veio o dilúvio e os levou a todos” (Mateus 24:39). Mesmo assim, Noé foi fiel, e sua fé fez aquela inusitada catástrofe ser tão real para ele que ele agiu com a certeza de que ela aconteceria. O autor de Gênesis escreveu um resumo apropriado dos preparativos que esse patriarca pré-diluviano providenciou para o prometido dilúvio: “Assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara”.

Autor: Bill Grasham  
© A Verdade para Hoje, 2016  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS